



## Editorial

Por razões independentes da nossa vontade não foi possível editar os números do Outono e do Inverno da *Gazeta*. Procuraremos que pelo menos dois números sejam publicados este ano. O da Primavera e outro no Outono 2004.

Dos nomes famosos do pugilismo moçambicano, os mais sonantes foram chineses. Aí vai, para identificação, a fotografia de um deles.

Na segunda página reproduzimos uma fotografia da Beira, na qual podemos situar os espaços urbanos mais ocupados pelos chineses. Mas outros locais e não menos importantes estão para além dos limites desta fotografia.



**Beira, início dos anos 70. Reconhecem o pugilista e o treinador?**

---

À data da elaboração do Iº Plano Urbanístico de Lourenço Marques, em 1888, já viviam na cidade 52 cidadãos chineses, numa população de 1413 não africanos. Até aos últimos cinco anos do século XIX o número de residentes chineses aproximava-se da meia centena. Assim, em 1889, eram 47, em 1893, 52 e em 1894, 39. A partir de 1895 a comunidade local passou a ter 89 membros e este número foi subindo sistematicamente. Esta variação de efectivos estava relacionada principalmente com a movimentação de trabalhadores vindos ou regressados ao seu país de origem, ou deslocando-se internamente de e para outras regiões da colónia. No caso da região de Lourenço Marques, para Marracuene e Namaacha.

# 莫桑比克華僑報



A ocupação chinesa da Beira começou pelo Maquinino, mas antes mesmo da Iª Guerra Mundial algumas famílias instalaram-se na margem esquerda do Chiveve, num troço da rua Correia de Brito e transversais, designado por Chaimite. Nesta zona foi construído um conjunto de casas de madeira e zinco para os Mestres Carpinteiros em data desconhecida, em 1922 terminou a construção do Clube Chinês (Chee Kung Tong) e, mais tarde, no final dos anos 50, a Escola Chinesa. Digamos que o Chaimite passou a ser o espaço urbano mais nobre da Comunidade. Mas outras famílias ou membros de famílias já instaladas no Maquinino e no Chaimite foram ocupando pontos estratégicos para o negócio com o africano na rua Alfredo Lawley – que servia o Esturro e Matacuane -, na Munhava, na Chipangara, e por fim, na Manga. Outras famílias, antes destas, relacionadas ou não com as primeiras no Maquinino foram agricultores no Pungué, na Munhava, na Manga, e mais tarde na Chota. Destes horticultores poucas notícias temos. No entanto, foram muito importantes para o aprovisionamento do burgo em legumes e hortaliças, antes da agricultura colona produzida nas terras altas e férteis do Chimoio e da Angónia começar o abastecimento sistemático dos mercados da cidade em 1940/50.